

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 138 21 DE OUTUBRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 12
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-6-		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antonio Rodrigues Sampaio, EDUARDO COELHO — Succesos do Egypto, R. — As nossas Gravuras — O Imperio de Marrocos e a legação portugueza, J. B. — Ephe-merides Artistico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS. — Um Castello da idade media — Conde de Brazza explorador da Africa Occidental — Aveiro, Con-

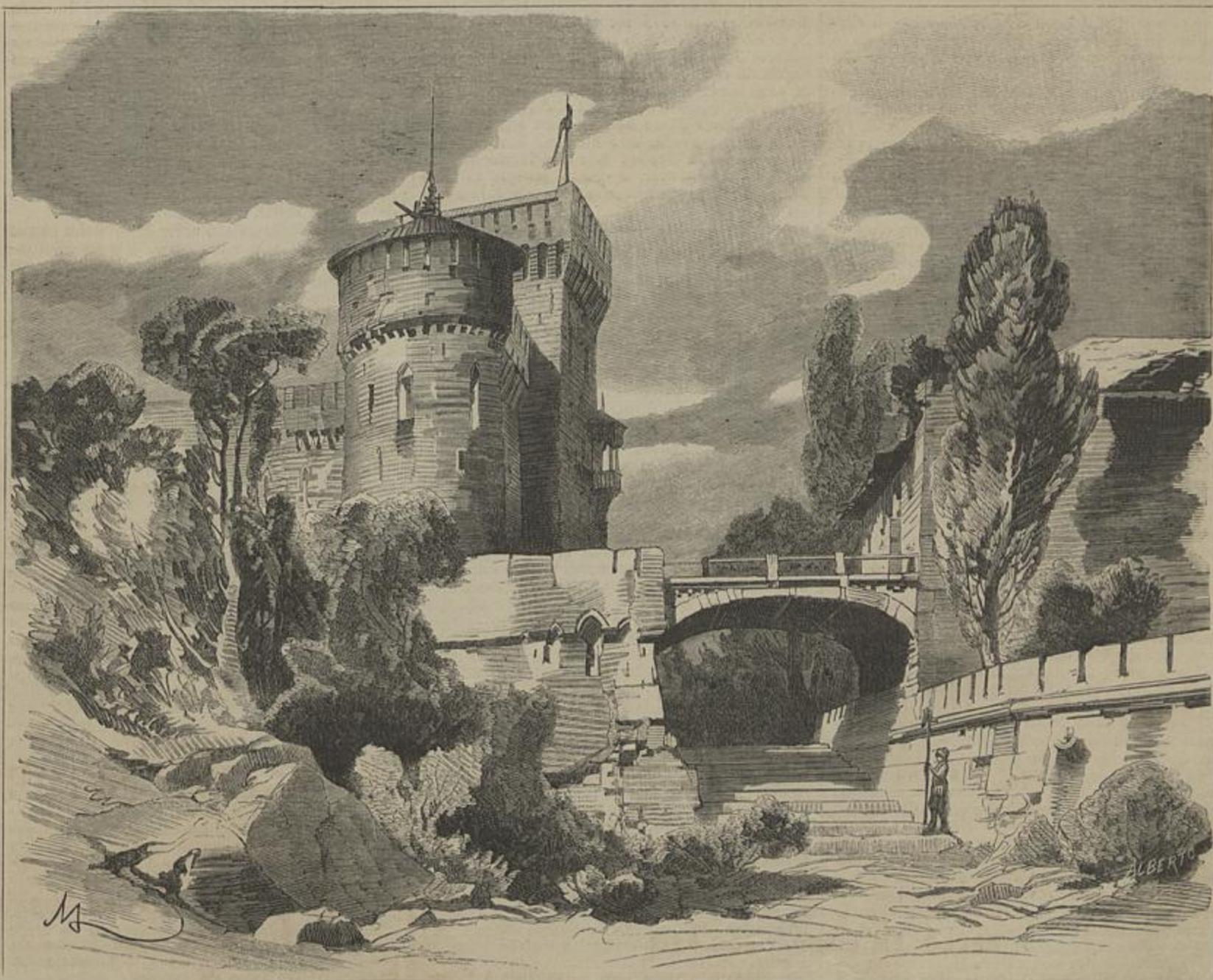
vento de Jesus — Imperio de Marrocos, Tanger, Um aguadeiro, Uma Dama marroquina, Recepção de uma embaixada pelo imperador, Um bazar em Fez, Maquinez, Um Santão, O descanso do Camello — Antiquidades do Algarve — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos atravessando uma epocha realmente extraordinaria — Nunca inverno algum se annunciou assim na nossa terra. As nossas pacificas

provincias e os nossos pacatos theatros apparecem cheios de dramas terriveis e novos, de acontecimentos extravagantes e desusados.

Para fazer uma chronica hoje tem de se passar as manhãs nos commissariados de policia e nos tribunaes judiciaes, as noites nas plateas de todos os theatros de Lisboa. Nunca, na minha vida de chronista — não digo curta, porque tenho a coragem da minha calva — nunca me vi em faina igual, e n'esta contradança perpetua do drama litterario para o drama real, n'esta passagem continua do theatro do mundo para o theatro do Gymnasio, da mulher de Guimarães



UM CASTELLO DA EDADE MEDIA (dezenho original de Manini)

120

que mette o marido n'um sacco para o coser de pancadas, para o barytono vingador que n'um sacco encontra o cadaver da filha em vez do do homem que mandára matar, n'esta transição immediata da bebedeira graciosa de Gemma Cuniberti na peça de Ferrari, para o alcoolismo sinistro de Balbina Guerra na tragedia de Gulpilhares, n'esta successão de crimes que passam defronte dos meus olhos; duas mulheres que assassinam em Rendufe, quatro mulheres que cantam no Colyseu, n'esta procissão de julgamentos, dos *Rantzau*, do Alvarinho e Peres, do *Demi monde*, de Maria Fenayron e da *Princesa Trebisonda* não sei bem como arranjar uma razão d'ordem para não andar a cada momento a saltar do banco de S. Carlos para o banco dos reus, e não fazer uma confusão de tal ordem entre assassinatos e peças, que toda a gente me tomasse por um critico muito mais terrivel do que para as cantoras austriacas foi o publico do Colyseu.

Para conseguir isso, dividirei a minha chronica em duas partes: primeira os espectaculos do grande theatro do mundo, e depois os espectaculos diversos dos varios theatros de Lisboa.

Eu sei que esta disposição não é muito artistica, que seria de mais tom semear os dramas terriveis da vida, por entre as graciosas comédias dos palcos, oppôr a Balbina Guerra o que ha de mais repellente no genero femea, Lucinda Simões o que ha de mais adoravel na entidade mulher, mas sacrificio esse matizado de antitheses ao amor da ordem, e enfeixarei primeiro todos os dramas sinistros para depois lhes dar todos os successos alegres e gloriosos da vida artistica de Lisboa n'estes ultimos dez dias. Faço como os empresarios habeis de theatro, fecho a tragedia lugubre, com a comedia risonha e festiva; depois de deixar bramir o tyranno legendario o crime, — deixarei sorrir a ingenua graciosa — a Arte.

Esses crimes de que o norte do reino, o rhetorico jardim de Portugal, parece ter tirado o privilegio exclusivo n'estes ultimos tempos são effectivamente assombrosos e extravagantes.

As vinhas e os maridos do Norte estão infelizes; a phylloxera, e o mascoto vão dando cabo d'elles.

O ciúme reina epidemico n'aquella formosa região de Portugal.

E quasi todos os casos apresentam os mesmos symptomas.

Em Gulpilhares, Balbina Guerra mata seu marido quando este dorme. É auxiliada no crime por um taberneiro do sitio. Em Rendufe Maria José Gomes, mata seu marido, enquanto elle dorme. É auxiliada no crime por um official de delicias da localidade.

Em Guimarães uma mulher dá uma beberagem ao marido como nos velhos romances, e apanhando-o a dormir, cose-o n'um lençol, e sova-o muito bem sovado, como nas farças de Molière.

Em Villa Nova de Gaya, muda de aspecto, é um creançola devasso aos quatorze annos — um Cuniberti do crime — que assassina á facada uma rapariga de quinze annos que o abandonára: — uma tragedia de creanças, uma tragedia perfectamente d'este seculo extraordinario em que a infancia tem já todos os vicios, todos os crimes e tambem todos os talentos da idade viril — Margarida, Silverio e Gemma Cuniberti, são tres specimens curiosos e completos do assustador desenvolvimento precoce da sociedade contemporanea.

Todos estes crimes tem por tal forma occupado as atenções e os noticiarios que julgamos ocioso tentar historial-os.

Entretanto cada um d'elles tem uma nota singular e caracteristica que devemos pôr em evidencia. No crime de Gulpilhares, a heronia Balbina Guerra é uma creatura vil e extranha cujo rosto parece ter sido copiado das feiteceiras de *Macbeth*, cuja alma parece arrancada da lama sinistra em que estrebucham a vida os personagens do *Assomoir*.

No caracter de Balbina ha uma paixão dominante, terrivel, irresistivel, que a possui toda — o vinho. E' o vinho que a faz odiar seu marido, — um lavrador serio e honesto, que por causa d'esse vicio a expulsára muitas vezes de casa. O seu cumplice é um taberneiro.

No primeiro momento Balbina accusa-o: depois arrepende-se; no seu cerebro formula-se um systema de defeza, e nega o que a principio dissera, declara-se unica auctora do crime.

Falla-se então na irresponsabilidade dos cerebros enfermos: nos criminosos que não passam de doentes. Balbina apresenta-se como uma victima do alcoolismo; quem a deve julgar não é a justiça, é a sciencia, não pertence ao tribunal, pertence ao hospital.

Mas a justiça vae sempre prendendo o taberneiro indigitado pela criminoso como seu cumplice.

E quando toda a gente acredita na innocencia d'este, innocencia que elle proclama com uma bonhomia de martyr, quando toda a gente acredita que Balbina não é uma criminoso, mas sim uma enferma, a justiça descobre que o cumplice é realmente um cumplice: que o innocente é um assassino habilissimo, cheio de cynismo muito bem reflectido, que Balbina não é uma alcoolica, é uma criminoso excepcional, que sabe muito bem o que faz, e que soube muito bem calcular e preparar a sua defeza.

Mas falta ainda uma cousa a descobrir, o laço mysterioso que liga o taberneiro Joaquim Nunes á homicida Balbina Guerra: e por ahí saber qual foi o movel do crime.

Se foi o ciúme, se entre essas duas creaturas ha o amor, a tragedia assume então umas proporções epicas de paixão e de burlesco, como a farça sangrenta que ha dias se representou em Lisboa, no beco dos Lagares, onde, um gallego de 60 annos, cheio de ciúmes, parecido com os do amante da *Fanny* de Feydeau, esfaqueou o marido da mulher que ambos amavam, e que era uma rachitica gallega de cerca de 70 annos de idade!

No crime de Rendufe, a mulher que mata o marido, accarreta sobre si toda a responsabilidade do crime para salvar o seu amante.

Mais tarde sabe que este, preso, para se livrar accusa o pae d'ella. A alma d'aquella creatura vil é illuminada por um sentimento bom. Esse homem atreveu-se a tocar na reputação de seu pae, eila confessando toda a verdade, os seus amores adulteros com esse homem, a premeditação do crime combinado e executado com elle. E' esse homem, esse tal Araujo, que tem a coragem de matar um homem a dormir, e de calcar o cadaver d'esse homem para que caiba na cova feita por elle, esse homem, diante da justiça desmaia, e declara que está innocente que tudo se hade provar, e que o milagre se hade fazer, porque prometteu dez libras á Senhora do Sameiro! Como se vê bem que o crime se passou no concelho de Braga, e como este homem que mata e faz promessas aos santos para o salvarem, é descendente d'aquelles assassinos de Lope da Vega e de Calderon de la Barca, que pediam perdão a Deus, para os crimes que iam praticar, e que se salvavam do cortejo das suas atrocidades humanas pela devoção para com as entidades devinas!

O crime de Guimarães é menos terrivel. O marido sovado apenas ficou em lençoles de vinho. A nota curiosa é a mulher depois de se faltar de lhe bater, ir participar ao regedor o caso, declarando ingenuamente que não fizera aquillo com intenção criminoso, mas simplesmente com a idea de se vingar do marido que lhe batia todos os dias. Não foi um crime, foi um balanço de contas!

Restava-me ainda o crime da Villa Nova de Gaya, os assassinatos commettidos pelos curandeiros em Vianna, e em Aveiro, o julgamento do creado do sr. Mayer, acusado de ter roubado o cheque de cinco contos, roubo a que em tempo, nos referimos largamente, roubo que se não provou; restava-me tudo isto, mas o espaço que podia occupar a primeira parte da minha chronica foi já ultrapassado: — Resumirei portanto a parte negra do crime e começarei a parte luminosa da Arte.

As novidades theatraes tem sido tantas ultimamente entre nós, que o espaço fallece-nos com certeza para tratar d'ellas largamente. Só no dia 18 por exemplo, houve em Lisboa tres primeiras representações, um facto que raras vezes se dá em Paris, o maior centro de vida theatral da Europa, — a estreia de Lucinda Simões e Furtado Coelho, nos Recreios, a primeira representação dos *Rantzau* em D. Maria, a reprise da *Princesa de Trebisonda* na Trindade. De todos os acontecimentos theatraes d'estes dez dias e diremos mais ainda, de todos os acontecimentos theatraes que ha muitos annos se dão em Portugal, o mais notavel o mais brilhante foi a estreia de Lucinda Simões.

Lucinda Simões é uma actriz extraordinaria, excepcional, que por uma coincidência tem andado sempre afastada de Portugal de quem é a

maior gloria artistica, e dos theatros de primeira ordem onde o seu talento colossal lhe marca o logar proeminente.

Citamos apenas o facto, e não temos nada com o que lhe dá origem. O defeito não é d'esta nem d'aquella empresa, o defeito é o governo, que não quer saber de questões de theatros, e que entrega ao Deus dará, a exploração mercantil de quem o pede. Felizmente para nós e para a Arte, o theatro está agora nas mãos de um grupo de artistas de talento e de boa vontade, que tem sacrificado os seus interesses pecuniaros aos interesses da Arte, que tem elevado o theatro de D. Maria a um nivel artistico a que nunca chegou.

Mas podia não ser assim, e a arte d'um paiz não pode nem deve estar ao acaso de quem vem. O governo que subsidia a opera italiana tinha obrigação restricta de subsidiar a arte dramatica nacional e de reunir no theatro do Estado todos os grandes artistas, que o paiz possui. E' vergonhoso, que Lucinda Simões, uma actriz collosal, a maior das maiores, seja apenas uma hospede no theatro portuguez, e que ainda assim, quando cá vem, de annos a annos, o palco que lhe abra as portas seja o das Variedades, ou o dos Recreios, o palco dos theatros mais populares e onde nem as companhias, nem o publico estão á altura de a comprehender e de representar com ella.

Vale porém que Lucinda Simões é tão grande artista, que transforma com o seu talento as companhias e o publico; e que o theatro em que representa, embora seja um theatro de feira, passará logo a ser o primeiro theatro do paiz. Viu-se ainda isto ha noites nos Recreios. Havia peças novas em todos os theatros, pois o theatro dos Recreios, apesar de collocado no alto d'aquella Golgotha, e de dar uma peça conhecida, o *Demi monde*, teve uma enchente enorme.

O que é a baroneza d'Ange feita por Lucinda Simões, descreve-se n'uma palavra apenas: — sublime. E' a criação mais brilhante, assombrosa e perfeita da arte moderna em Portugal, é um modelo deslumbrante do naturalismo no theatro, e a manifestação surprehendente d'um talento excepcional alliado á arte mais rigorosa, n'uma mulher que tem o segredo raro da maxima distincção e elegancia.

O Occidente registrará a reaparição de Lucinda no theatro portuguez, esse grande facto artistico, publicando no proximo numero o retrato da gloriosa actriz.

Furtado Coelho, é um actor de primeira plana; distinctissimo pelo seu talento, pela sua illustração amplissima, e pelos seus profundissimos conhecimentos da arte. E' um actor — mestre, reconhece-se vendo-o representar e vendo representar aquelles que elle ensaia, como por exemplo a companhia dos Recreios, que no *Demi monde* é uma companhia inteiramente differente do que até então era.

—As novidades theatraes agglomeraram-se por tal fórma n'estas ultimas noites que não nos é possivel fallar de todas por falta d'espaco, como não foi possivel vel-as por falta de tempo.

D. Maria deu com grande successo uma peça nova, *Os Rantzau* do Erchman Chatrian, traduzido por Marianno Pina. Não a pudemos ver ainda, mas sabemos que Brazão e João Rosa são magnificos nos seus papeis, e que Rosa Damasceno creou um adoravel typo de ingenua. A Trindade fez reprise, com um grande exito de gargalhadas, da *Princesa de Trebisonda*, a bella charge offenbachiana; S. Carlos deu com meios successos, a *Hebrêa* e o *Rigoletto*. No Colyseu apresentaram-se os concertos austriacos. O publico victorioso com muita justiça o violinista Sauret, e o violonettista Popper duas celebridades: acolheu com os meios applausos de sympathia o pianista Karl Stansy, e fez uma troca incrível ao quartetto orfeonico viennense, no que foi menos justo: porque se não tem grande merecimento, não justifica o *charvari* com que o receberam.

—Durante estes dias passou pelo Gymnasio com grandes ovações a pequena actriz italiana Gemma Cuniberti, que veiu do Brazil com extraordinaria reputação. A gentil creança justificou em parte essa reputação. Não é uma actriz prodigiosa, mas é uma creança extraordinaria. E' um phenomeno, que se admira uma vez, mas que não commove nem interessa. Pelo contrario, chega a incomodar ver uma creança na idade em que todas brincam, nas horas em que todas dormem, andar a morrer tísica pelos palcos, — um spectaculo infame que não se perdoa a Deus quanto mais ao sr. Paulo Ferrari — para ganhar a vida para seus paes e todos os tios.

Incommoda-nos tanto ver a pequena Cuniberti, como as creanças gymnastas, que trazem os pelotiqueiros. O excesso de trabalho a que obrigam aquelle pequeno cerebro, deve estragal-o: aquella alma de creança ás cambalhotas todas as noites nas paixões mais oppostas, que os dramatas de apropósitos, engendram em antitheses violentas, para dar grandes lances e grandes receitas, escangalha-se, desloca-se, aniquila-se. Pensando um pouco, o publico em vez de applaudir o talento, de facto extraordinariamente precoce, d'aquella creança, devia pateal-o. Era uma boa obra: a creança descancaria d'aquelle trabalho fatigante e aniquilador: o seu talento desenvolver-se-ia gradualmente, em tempo proprio e mais tarde a Italia teria mais uma grande actriz. Assim, aquella creança, se resistir ao trabalho esmagador de todas as noites, virá a ser, quando mulher, uma actriz detestavel: é o futuro dos *enfants prodiges*.

Nós hoje applaudimos Cuniberti menina, ainda prodigio, mas se ella viver, nossos filhos terão d'aqui a annos de aturar uma actriz deploravel.

E se n'esse tempo já não formos vivos, deixemos no testamento este conselho sensato e paternal aos nossos vindouros:

—Cuidado meus filhos, nunca vejam representar uma actriz italiana chamada Gemma Cuniberti; deve ser uma massada de todos os demônios.

Gervasio Lobato.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(Continuado do numero antecedente)

O redactor do *Espectro* educára as suas faculdades activamente no tracto dos jornaes e livros francezes e inglezes, e principalmente nos escriptores francezes oriundos da revolução de 1830, chamada de julho. Por vezes usava o estylo melancolico e biblico de Montalambert, e Lammenais, de Lamartine e de Chateaubriand. Obedecia á influencia que inspirava em Portugal o auctor da *Voç do Propheta*: «A populosa Lisboa apresenta o aspecto da morte. As suas ruas como as de Sião acham-se desertas, os seus templos vasilios, os seus espectaculos interrompidos, as suas transações commerciaes paralyzadas... A insurreição bate a todas as portas...» «A cõrte applaudindo um valido applaude a sua morte. Como Isaac, leva ás costas a lenha para o proprio sacrificio.» «O *Espectro* não está sugeito ás leis da terra... só obedece a Deus. A sua voz é como a do archanjo... Não dirá tudo, porque o silencio é o pejo da historia... As hierarchias desaparecem diante d'elle... O palacio do rei não tem mais privilegio que a cabana do pastor... Inviolavel só é a virtude.»

Acompanha todos os movimentos da revolução que incita e anima fulminando os despotas. «Sus! gente forte!» Avisa a cõrte dos perigos que corre a corõa; e quando a julga «perdida, rolando no abysmo aberto pelos aulicos», exclama: «Choramos porque somos partidarios da corõa da rainha, por que lh'a quizemos salvar, e não podêmos». Em Coimbra chegou-se a pronunciar o destronamento do monarcha, e a nomear regente... Era o duque de Loulé. Realizada a intervenção estrangeira e assignada a convenção de Gramido, de que foi secretario outro jornalista illustre, que quasi vimos expirar em Paris, Teixeira de Vasconcellos, o *Espectro* declarou terminada a sua missão: «não porque o sol da liberdade aquecesse o paiz, o despotismo exalasse o ultimo arranco, e o povo fosse livre e contente, mas porque se entrava n'uma situação nova.» As despesas da publicação haviam sido pagas por alguns amigos.

O corajoso jornalista vinha de longe, como vimos, acostumado ao soffrimento, ás perseguições e privações de toda a sorte; esta educação espartana do seu nobre caracter accentuou mais a abnegação, a fé, o patriotismo, do redactor da *Revolução de Setembro* no periodo brilhante de 35 annos que se seguiu. Esse periodo foi o da constituição administrativa e economica do paiz, a que o anno de 1847 mal encerrava as luctas sangrentas do nosso noviciado liberal. Esboçar minuciosamente a sua chronica n'este cyclo seria escrever a historia social e politica do paiz durante elle. E se, como lembrou um tra-

ductor de Plutarco, a biographia dos escriptores se encontra nas suas obras, a vida e serviços de Sampaio n'este periodo estão todos registados nos 70 volumes do seu jornal. Estudar essa obra em todas as suas relações com o meio social, moral e intellectual em que essa poderosa actividade se desenvolveu, e com as ideias do seu tempo, resumindo-a, e substanciando-a, seria fazer a critica da historia, seria erguer a esse vulto sympathico e benemerito o seu mais digno e perduravel monumento. Temos de continuar a circumscrever este artigo a mais rapidos traços.

Sampaio nunca foi dos: «Mancebos velhos, que os excessos tornavam rachiticos.»

Defendendo o *Espectro* contra os que o taxavam de exagerado escreveu: «Quando fizemos a guerra, fizemol-a franca e clara; eramos apaixonados, porque tinhamos convicções; eramos arrebatados porque tinhamos uma grande fé; eramos exaltados, porque nos pareciam ultrajadas as grandes verdades.»

Ministro do reino, accusado nas cõrtes por ter escripto esse jornal; ouviu calado durante dias os seus adversarios. Uma tarde levou para a banqueta uma colleção encadernada. Declarou que os que o accusavam não conheciam a sua obra; e mandou-a para a mesa.

—Se acharem incompatibilidade entre o que ahi escreveu o redactor do *Espectro*, e o ministro; este não renegará a sua obra, mas retirar-se-ha.

D. Pedro V, rei sensato e prudente, que estimava julgar as cousas pelo seu proprio criterio, desejou um dia ver esse jornal, e disse-o a Rodrigo da Fonseca, o qual informou Sampaio, e este mandou encadernar em chagrin uma colleção, e pessoalmente a levou ao rei.

Sampaio fora revolucionario temido, mas, se elle se orgulhava disso, nunca prosera o regicidio da rainha, como talvez algum dos seus accusadores; e quando falleceu D. Maria II, arguiram-o de não haver sempre honrado n'ella as virtudes que agora exaltava: «Folheiem os nossos escriptos, mesmo no meio da guerra, e ahi verão consignado o que hoje escrevemos. Ahi verão honrada a mulher, a mãe e a esposa.» «Só atacámos duramente o funcionario.»

Allirmando a sua isempção jornalística podera exclamar-se sem replica:—«A este lugar nunca chegaram os despeitos pessoases: nunca d'aqui descemos para sollicitar a confiança de nenhuma situação.»

«A nossa influencia nunca se exerceu fóra d'estes tribunaes, combattendo os erros contrarios á liberdade, e dando a nossa opinião sobre as cousas do paiz.»

Regeitou muitos e valiosos empregos de amigos, contrarios e só cedeu a aceitar um lugar do tribunal de contas quando viu que a sua idade e serviços já lhe permittiam algum repouso.

Em 1850 a lei obrigou os editores dos jornaes e portanto a *Revolução* a prestar uma fiança exorbitante, e a responsabilidade dos artigos era grande. Sampaio declarou que queria assumir pessoalmente a responsabilidade dos seus proprios escriptos, e ficou sendo editor, em lugar de José Miguel da Silva, que o era havia 10 annos. Pela exagerada verba da fiança declarou no alto do jornal:

«A *Revolução* não tinha com que habilitar-se. A lei é ainda absurda. Estamos feitos capitalistas sem ter inscrições. Somos nominalmente ricos: preletarios na realidade.»

A 15 de maio chegou Saldanha a Lisboa e constituiu-se o primeiro governo denominado regenerador. Inaugurou-se o cyclo dos grandes melhoramentos e progressos publicos do paiz, e da felicidade relativa. Sampaio era ainda o seu forte paladino, como o fora das luctas da liberdade.

Eis como elle entendia o apostolado: «A imprensa vive da justiça, vive da verdade, vive dos principios, vive da sua propria inergia. E' forte com a rasão; fraca com o despeito. Se quer ser injusta, morre querendo matar os outros.»

Sendo censurado por atacar homens que já defendêra, intendendo que elles retrogradavam, escreveu com valentia:

—«Corra livre a penna dos censores. O vento agitando as arvores faz com que estas lancem raizes mais profundas. Discutam, e, se querem, injuriem. Escolham as armas, que todas lhes havemos de quebrar nas mãos.»

—«A sociedade nova intende que sem estudo não se sabe, e crê que a sciencia tem caminhado muito desde que os progressistas das eras passadas se deram ao descanço... Se não progredimos, morremos!»

E foi o campeão denodado de todos os progressos uteis, que com intuitivo criterio extre-

mava. Luctou valorosamente pelos caminhos de ferro. Ao contracto do tabaco disse um dia:

—«Mal pode oppor-se á passagem do comboio, quem nem tem força para se sustentar a si mesmo.»

Sustentando com verdadeira sabedoria os direitos do padroado portuguez no Oriente, teve de responder aos violentos ataques de alguns padres. *A la guerre comme á la guerre*:

—«Se querem comer do beaterio, roubar religiosamente as almas fracas, não alardeiem virtudes. Sabemos que esses *seculchros branqueados estão cheios de corrupção*.»

Batendo-se duas vezes em duello, mostrou o seu valor e a sua coragem:—«Não os propunha, mas não os regeitava» Desafiaram-no mais vezes. Uma occasião em que havia acremente censurado um valente commandante da guarda municipal, foi um d'estes amigos officiosos, que só nos trazem noticias desagradaveis, avisal-o de que o general o queria matar. Elle estava revendo provas e fez que não ouviu. Mas quando o sujeito ia a sair desapontado, perguntou-lhe Sampaio serenamente.

—Olhe lá, o sr. sabe onde elle mora?

—Sei, sim senhor.

—E passa-lhe lá pela porta?

—Sim senhor.

—E tem lhe o olhar para as janellas?

—Sim senhor, mas...

—E elle tem lá penduradas muitas pelles de gente?

—Não senhor, ora essa!

—Então vá descançado, e não se encommode

N'outro lugar referimos já o facto de elle atirar para dentro de um estabelecimento do Loreto um moço adversario que o provocára insolentemente.

Efeito pela primeira vez e por avultada maioria deputado, por Lisboa, em 1851, a sua estreia na camara foi para responder a uma provocação de um ministro que dissera que na imprensa podia elle proferir quantas inconveniencias quizesse, mas alli não lh'o permitia.

—«Não preciso da licença de ninguém para exercer e expor o direito de fallar, tornou o deputado por Lisboa. Louvores a Deus, já o sol se move sem licença do sr. ministro.»

Tendo o mesmo estadista louvado certas disposições da carta, contra as quaes o jornalista esgrimira, havendo-a censurado em outras determinações:

—«S. ex.^a só acha a carta velha e obsoleta, para não prestar contas a tempo.» E significando-lhe o mesmo estadista que o que achava era curto o espaço de 30 mezes para a prestação de contas, elle concluiu:

—«O melhor é decretar-se que se deem contas só depois de morto.»

Discutindo-se em 1852 as hypotheses da ilegibilidade para as funções legislativas sustentou a opinião pessoal de que «A inelegibilidade deve levar-se a toda a parte onde os interesses particulares estiverem em conflicto com os interesses do estado.»

N'uma dessas sessões afirmou tambem que: «A mais segura garantia da liberdade, é a probidade dos funcionarios.»

Não lhe corria a palavra facil, mas, n'estas phrases de conceito eloquente, moldava a sua opinião, dando-lhe fórmulas ophoristicas; e tinha replicas breves, graciosas e incisivas, que desarmavam o antagonista. A sua erudição complexa não abrangia só o conhecimento intimo e aturado dos escriptores latinos:

Na sua livraria:

Ao lado dos *Commentarios* de Cesar, estava o *Leal Conselheiro* de D. Duarte; perto de Tito Livio e Tacito, viam-se João de Barros, Couto e Fernão Lopes; junto a Seneca, Bernardes; proximo de Cicero, Vieira; Terencio com Gil Vicente; Juvenal com Sá de Miranda e Tolentino; ao pé de Virgilio, e Ovidio, Camões, Bernardim, Ferreira, Philinto, e os Arcades. Os nossos juriscultos antigos e modernos; os publicistas e os historiadores mais conceituados; escriptores e poetas italianos, hespanhoes e francezes, e alguns inglezes, e de preferencia, os encyclopedistas, os physiocratas, os economistas e os socialistas. Montesquieu, Rousseau, Turgot e Quesnay; Smith, Say e Mill; Baudrillat e Garnier, Bastiat; e Chevalier e Block. Acompanham-o os mais afamados socialistas scientificos, que a miude consulta e cita. Todos os estadistas e publicistas modernos lhe são familiares. Ao seu espontaneo, e seguro criterio, e á longa experiencia, allia os multiplos conhecimentos historicos, litterarios, e sociologicos, que aprimoram os artigos com que acompanha a vida social e politica dia a dia.

(Continúa).

Eduardo Coelho.

SUCESSOS DO EGYPTO

VII

Desde os primeiros successos em 1881 que os governos da França e da Inglaterra tinham dirigido notas ao sultão e ao Khediva com relação ás complicações que esses assumptos poderiam trazer, em vista da administração mixta, europea e indigena e decretos do Khediva que a garantiam e organisavam.

Quando a camara dos notaveis inseriu na constituição os artigos que lhe davam o direito da discussão e fixação das despesas, annullava, por esse modo, a existencia do controller francez e inglez, e portanto o convenio de 1880 que o havia estabelecido.

Logo os controllers francez e inglez apresentaram uma nota ao Khediva a esse respeito, assim como depois o fizeram os governos francez e inglez. Ao mesmo tempo estes dois governos dirigiam-se ás quatro grandes potencias já nomeadas, signatarias do tratado de liquidação, explicando-lhes de certo modo a sua maneira de proceder na questão egypcia, que por serem as mais directamente interessadas, precisavam tomar primeiro as medidas convenientes.

O sultão dirigiu uma nota aos representantes da Allemanha, Italia, Austria-Ungria, e Russia, em que parecia queixar-se de que se desconheciam ou quizessem pôr de parte os seus direitos de soberania. Poucos dias depois esses ministros entregavam uma nota identica na qual lhe asseguravam que os seus governos reconheciam os direitos do sultão, na fórma dos tratados. O mesmo era dito pela parte da França e Inglaterra, ainda que se julgou que a nota das quatro potencias implicava uma especie de desaprovação do procedimento d'estas duas.

No entanto os negocios do Egypto complicavam-se. Creava-se uma administração do Sudan no novo ministerio, e nomeava-se Abdel-Kader para



CONDE DE BRAZZA, EXPLORADOR NA AFRICA OCCIDENTAL

esse cargo. O bandoleirismo desenfreado e tomava grande incremento no sul e as primeiras forças enviadas para esse ponto soffriam revezes.

Arabi queria organizar tres corpos de exercito, para os confiar aos seus companheiros de revolta Tulba e Abdellah; no ministerio da guerra trabalhava-se activamente, mas não havia muito dinheiro para satisfazer aos desejos do ministro.

Houve algumas alterações no governo. Arabi e os seus companheiros foram elevados a generaes.

As sociedades, ainda as que tratavam de assumptos puramente de beneficencia, tornavam-se centros de agitação politica, onde se fallava contra os europeus, na propria presença dos ministros Mustapha e Arabi, que não procuravam diminuir as impressões que os novos tribunales podiam causar.

Em Constantinopla reunia-se finalmente uma conferencia composta dos ministros das seis grandes nações. O sultão convidado para ella, durante muito tempo se escusou com evasivas, e só muito tarde conveio em enviar a ella um representante.

Os pontos que a França e a Inglaterra apresentavam como fóra da discussão, eram a suzerania do sultão e auctoridade do Khediva, como até ahí estava regulada, continuação do controller europeu, livre passagem do canal e não intervenção turca.

O panislamismo começava a agitar-se desde a Arabi, e o Egypto não era estranho a esse movimento; o sultão queria estar livre para adherir ou não, conforme lhe conviesse.

As sessões da conferencia repetiam-se mas não acabavam nada, nem obtinham do sultão decisão alguma.

A reluctancia do governo egypcio e os symptomas de indisposição contra os europeus, levaram os governos francez e inglez a mandarem alguns navios de guerra para as aguas do Egypto. As outras nações grandes e pequenas, menos

Portugal, fizeram o mesmo. O sultão mandou ao Egypto um commissario que voltou de lá sem nada conseguir.

Para atrahir a opinião publica tinha o governo em tempo proclamado a liberdade dos escravos. Isso nada conseguiu. O cancro era o augmento da força militar, e orçamento do ministerio da guerra que foi elevado ao dobro.



AVEIRO — CONVENTO DE JESUS (Segundo uma photographia)



1.º TANGER — 2.º UM AGUADEIRO — 3.º UMA DAMA MARROQUINA — 4.º RECEPÇÃO DE UMA EMBaixADA PELO IMPERADOR — 5.º UM BAZAR EM FEZ
— 6.º MAQUINEZ — 7.º UM SANTÃO — 8.º O DESCANSO DO CAMELLO

IMPERIO DE MARROCOS

A falta de conhecimentos especiaes dos ministros era muita. Mesmo no ramo militar, apesar do seu prestigio, Arabi, tem muito menos conhecimentos que outros generaes; o que o tornava sympathico, era uma especie de mysticismo, que o fazia olhar como um enviado pelos fanaticos espiritos mussulmanos.

Não se podia negar que, apesar da sympathia que inspiram todas as aspirações nacionaes, o que alli lavrava era desorganisação no governo; uma divisão de tropas era derrotada e obrigada a retirar, os serviços começavam a ressentir-se, e a animozidade contra os europeus augmentava, allimentada por funcionarios mussulmanos, ciosos dos cargos que tão zelosa e dignamente occupavam os europeus.

Uma pequena questão, que podia ser fortuita, mas que parece ter sido premettida fez rebentar o vulcão, comprimido, mas agitado occultamente desde muito.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CASTELLO DA EDADE MEDIA

Desenho original de Manini

O illustre scenographo o sr. Manini, brindou-nos com o magnifico desenho de que damos hoje a gravura, *Um castello da idade media*. O merecimento notavel do distincto scenographo italiano, que o nosso publico tem victoriado tanto, e que ainda ha noites consagrou com applausos unanimes, no magnifico scenario dos *Rantzau*, não precisa de ser encarecido. O desenho que hoje damos é um estudo de castello feudal, feito com muita arte, escrupulo e verdade. Agradecemos ao notavel artista o seu delicado brinde.

O EXPLORADOR CONDE SAVORGNAN DE BRAZZA

As explorações e travessias d'Africa executadas por viajantes de diversos paizes, inflamaram o espirito de muitos e notaveis individuos, cujo catalogo é já hoje longo.

Ja de ha muitos annos explorações mais ou menos scientificas tinham sido dirigidas ao interior da Africa, e entre essas tem logar distincto as de Levingston, Welwitsch, Baker, Abbadie, e outros, não fallando nas viagens emprehendidas nos seculos XVI e XVII pelos portuguezes, e ainda mais modernamente.

Quando os exploradores modernos começaram os seus brilhantes trabalhos, já havia seculos que os nossos haviam percorrido muitas das paragens por onde elles passaram, cujos vestigios alguns confessam haver encontrado, constando outros de documentos e historias uns já publicados, outros ainda ineditos.

A gloria que d'esses modernos tentamens resulta aos que os executaram, de maneira alguma pôde empanar a que os portuguezes para si alcançaram n'essas explorações maritimas e terrestres, nas epochas em que nem o atrazo da sciencia, nem as sociedades com a organisação actual nem o vapor, nem mil outras invencões uteis lhes poderiam facilitar. Os perigos os trabalhos, as fadigas que hoje se passam, centuplicavam-se então.

Com pequeno intervallo Cameron, Stanley, Serpa Pinto e Mateucci atravessavam a Africa em direcções diversas, e Capello e Ivens exploravam scientificamente todo o sertão de Benguella ás terras de lacca.

Pelo mesmo tempo um joven italiano ao serviço da França, o conde Savorgnan de Brazza, propunha a este paiz, e fazia por conta d'elle, algumas viagens de exploração nos territorios do interior do Gabão.

Pedro Savorgnan de Brazza nasceu em Roma, no palacio de Brazza, descendente de uma familia illustrissima, cujo solar é proximo de Udina.

Vindo estudar para Paris, depois da annexação de Roma á Italia, concluido o curso de marinha, naturalisou-se francez e entrou na armada d'esta nação, onde tem o posto de tenente (*enseigne de vaisseau*) e tem trinta annos de idade.

Em 1875 e 1878 o conde de Brazza empreendeu duas viagens de exploração em Africa na bacia do Ogoué. Tendo chegado a França e conhecido os resultados dos trabalhos de Stanley, resolveu partir de novo para a Africa, em dezembro de 1879, onde visitou o alto Congo, procurando resolver por outro lado os problemas que alli haviam levado de novo Stanley.

Como se sabe este explorador inglez, e não americano e *yankee*, como alguns lhe tem cha-

mado, depois das suas duas primeiras viagens, como dissemos no nosso numero antecedente, partira para a Africa afim de estabelecer umas estações civilisadoras no interior, em pontos por elle escolhidos. Brazza no alto Congo procurou fazer o mesmo.

Stanley entre outros pontos fundou a estação que se chama hoje Stanley pool, e é o centro dos seus emprehimentos. Brazza fundou na região do Ogoué e do Alima, as de Franceville e de Brazzaville, por onde este viajante julga poder abrir um derivativo das riquezas do alto Zaire para a mesquinha colonia franceza do Gabão, podendo por tanto d'esse ponto, o commercio europeu abrir caminho para as chapadas ferazes do interior da Africa.

Não temos ainda conhecimento sufficiente dos resultados scientificos e praticos da exploração de Brazza, a avaliar porém pelo barulho que tem feito em França, devem ser importantes, porque os francezes opõem já como um antagonista tremendo, o explorador italiano ao inglez.

O italiano apresenta os seus planos sem rebuço e segundo toda a imprensa, elles tendiam nada menos que a tomar posse de terrenos de ha seculos pertencentes a Portugal, apoiado, n'um simulacro de tratado, imposto a um chefe selvagem, o Makoko, e publicado como documento de grande importancia.

Stanley ri-se da tal convenção e trata com bastante desfavor e desprezo as afirmações de Brazza. Já dissemos que aquelle se mostrou reservado em Lisboa. E' certo que quando partiu para a sua ultima exploração civilisadora, foi garantido o direito de cada nação e a sua missão destituída de todo o caracter politico; não sabemos se os novos planos que traz á Europa, se mantem n'esse respeito de direitos e neutralidade de acção.

Brazza, que tambem levava uma missão puramente scientifica e civilisadora, segundo se crê, parece ter excedido os seus poderes, elevando-se a agente politico.

Segundo as folhas diarias até ha pouco recebidas, era opinião corrente, que as ideias de Brazza tendiam a esbulhar-nos da nossa posse e direito secular, com o que ia de accordo a imprensa franceza, fazendo intervir n'uma questão de direito a opinião publica.

Não é de hoje que somos desrespeitosamente tratados pela França. Quando foi da questão *Charles et Georges* attribuiu-se a Napoleão III a offensa que nos era feita, e parte da Imprensa franceza assim o dizia. Em vista porem das suas afirmações e propaganda de hoje contra o nosso impreterivel e incontestavel direito, vê-se que a justiça que então pareceram advogar, foi apenas uma opposição politica ao seu governo.

De maneira que a opinião publica da França era-nos mais favoravel, no tempo em que se não podia manifestar tão livremente, do que o é hoje gozando da tão preconizada liberdade republicana.

Lamos a expor os dados da questão, quando um telegramma nos annuncia, que o sr. Brazza declara que os terrenos onde quer estabelecer as suas explorações, demora entre o Gabão, e as nossas possessões. Assim o desejamos. Esperaremos pois novos esclarecimentos, para tratarmos o assumpto, como merece não o pobre e inofensivo tratado, mas os nossos direitos e prioridade, e os esforços e vidas que tem custado a muitas gerações, o nosso estabelecimento n'aquella parte d'Africa.

AVEIRO — CONVENTO DE JESUS

É obra do xv seculo este mosteiro de freiras dominicas, fundado por D. Affonso v, que lhe lançou a primeira pedra, acompanhado por D. João Galvão, bispo de Coimbra, em 1462.

Foi sua primeira priora D. Brites Leitoa, senhora nobre que foi creada nos paços dos infantas D. Pedro e D. Izabel, e de ali casou com Diogo de Athayde, da casa de Athougua e fidalgo da casa do rei.

D. Brites enviuvou aos 27 annos de idade, ficando-lhe duas filhas com as quaes se recolheu a uma sua vivenda em Ouca, proximo de Aveiro, e d'ali passou a uma casa junto á Misericordia de Aveiro, onde viveu reclusa em companhia de suas filhas D. Maria de Athayde e D. Catharina de Athayde juntando-se-lhe tambem D. Mecia Pereira, da casa dos condes da Feira, e D. Leonor de Menezes, da casa de Vianna.

Foi então que D. Affonso v tratou de fundar o convento de Jesus onde estas senhoras professaram, sendo D. Brites Leitoa a primeira priora que lhe legou todos os seus bens, que eram avultados.

N'este convento professou e morreu a infanta

D. Joanna, filha de D. Affonso v, e n'elle jaz. Foi beatificada a 4 de abril de 1693.

Quando em 1469 houve uma peste em Aveiro, foi este convento durante essa epocha abandonado, morrendo por esse tempo em Abrantes a priora D. Brites Leitoa.

A não ser o cruzeiro, que ostenta uma formosa columna encimada por uma cruz bizantina de delicado lavor, pouco resta da primitiva architectura d'este edificio, cuja fachada parece ser uma reconstrução do seculo passado.

ANTIGUIDADES DO ALGARVE

Mosaicos de Ossónoba

Nos n.ºs 95 e 96 do nosso IV volume, demos noticia do museu das antiguidades do Algarve, estabelecido nos baixos da Academia das Bellas Artes. Descrevemos rapidamente as collecções d'aquelle pequeno, mas bello museu, organizado pelos esforços e trabalho indefesso, do sr. Estacio da Veiga, trabalho colossal, como o ouvimos classificar pelo illustre Cartailhac.

São d'esse museu os specimens de mosaicos que hoje reproduzimos. Um, é um fundo de piscina, figurando peixes. Não é facil a classificação da epocha a que elle pertence, porque se effectivamente o peixe era empregado symbolicamente nos primeiros tempos do christianismo, tambem sabemos que as piscinas e banhos mussulmanos eram ornados de mosaicos semelhantes.

Este exemplar pertencia ás thermas d'Ossónoba, e parece ser já da epocha christã, como dissemos no n.º 96.

O outro pedaço de mosaico representa uma lucta de dois monstros marinhos. Infelizmente a parte superior dos dois corpos não se encontrou, de modo que não se pôde saber como rematavam, nem que armas empunhavam, se acaso estavam armados. Só por conjecturas se pôde attribuir este bello exemplar á epocha romana.

O IMPERIO DE MARROCOS

E A

NOVA LEGAÇÃO PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 134)

Pouco tempo depois seguiu-se a guerra entre a Hespanha e Marrocos. Quando ha d'estas commoções n'um estado mussulmano, e elle é tão pouco illustrado e, por tanto, completamente dominado pelo fanatismo qual é Marrocos, os christãos ou estrangeiros não mussulmanos estão sujeitos a qualquer desaguisado, tal como se viu em Oran e no Egypto, ainda ha pouco tempo.

É portanto, em taes circumstancias, muito difficil e melindroso o desempenho das funcções consulares. José Daniel Colaço encarregado então interinamente do consulado, de tal maneira se houve, protegendo os naturaes do nosso paiz, o commercio portuguez, e enviando ao governo, então presidido pelo duque da Terceira, informações e communicações da maior importancia, que lhe foi significado pelo gabinete o alto apreço em que foram tidos esses serviços.

A doença do consul geral, seu irmão, prolongava-se e tão insistente, que algum tempo depois veio a succumbir aos seus effeitos, assim este pediu ao governo, em 1861 que tornasse effectivo em José Daniel o cargo que já interinamente exercia desde 1856. Era então ministro dos negocios estrangeiros Antonio José d'Avila, depois conde, marquez e duque, o qual reconhecendo a distincção dos serviços do vice-consul, deferiu ao pedido e desde essa epocha entrou José Daniel Colaço na effectividade do cargo de consul geral.

A segurança do cargo não lhe arrefeceu a dedicacão ao trabalho e desde então em diante os seus serviços continuaram a ser prestados com a mesma sollicitude, distinguindo-se sempre pelo modo como observa, examina e encara os assumptos.

Logo em 1863 foi pelo ministerio das obras publicas incumbido de uma missão delicada: obter do governo marroquino licença para a importação de gado cavallar e bovino.

Acostumados, como estamos, a que em qualquer paiz da Europa o commercio se exerça livremente, podendo cada um extrair de onde lhe parecer, e transportar aonde lhe convier os artigos de commercio, que mais necessarios ou lucrativos lhe possam ser, sejam generos, cereaes, productos da arte ou da natureza, gados ou fructos, mal podemos acreditar que não se passe isto do mesmo modo n'um paiz, embora mussulmano, separado apenas da Europa por um

pequeno estreito, e que com ella esteve em contacto durante seculos. Era natural que a sua civilisação tivesse marchado a par e parallela á europea, se a dominação portugueza, que se estendeu por todo o littoral e penetrou até muito no interior, não tivesse diminuido pouco a pouco, até cessar de todo, ha pouco mais de cem annos; mas como que isolado, tendo descido no grau de instrucção e civilisação a que subira nos seculos XII, XIII, XIV e XV, hoje não é mais que um vasto aduar, um pouco menos rude que as hordas da Arabia, do Sudan ou do sul de Tunes.

Portanto o direito ali é a vontade do imperante, apoiado nas interpretações mais ou menos absurdas das prescripções do Koran.

Os trabalhos para a obtenção d'aquella concessão foram pois importantes, tendo de ser guiados com muita habilidade e destreza, e facilitados pela longa residencia no paiz, conhecimento dos seus usos e costumes, e credito da familia do consul geral, junto dos altos funcionarios do estado, e suas relações pessoais.

O fanatismo mussulmano cedeu ás razões de conveniencia e commerciaes que o illustrado consul fez valer, e tanto foi julgado este serviço da maior importancia, que o governo agraciou José Daniel Colaço com a commenda da Ordem de Christo.

Querendo, passado algum tempo, o governo dar uma prova de reconhecimento ao Sultão, então existente, e de quem se tinha conseguido tão notavel concessão, Muley Hamed, quiz enviá-lhe, como enviou, a grã-cruz da ordem da Torre Espada do valor lealdade e merito, encarregando o nosso consul geral, de lhe fazer a devida entrega.

Parece nada, mas foi este serviço importantissimo, pela alta influencia moral da sua significação.

É necessario saber-se que o Imperador de Marcos nunca recebera, nem tinha querido receber condecorações estrangeiras, nem do proprio sultão da Turquia. A sua prosapia orgulha-se de descender do propheta, e é esta qualidade que lhe congressa o respeito religioso dos seus subditos. Pode-se pois imaginar o trabalho, delicadeza e arte que o nosso consul teria para fazer convencer o primeiro ministro e por intermedio d'elle, o imperador, de quanto era elevado o testemunho de amizade e consideração que lhe dava o nosso soberano e como se traduzia n'um penhor da estreita amizade, estabelecida ha mais de um seculo, com tanta cordealidade entre os dois paizes.

Uma circumstancia favoreceu e robusteceu os argumentos do nosso consul. A rainha Victoria acabava de agradecer o sultão da Turquia com a ordem da Jarreteira, e os jornaes de todos os paizes relatavam esse facto. O nosso consul leva os jornaes ao primeiro ministro de Muley Hamed, traduz-lhos, faz-lhos traduzir pelos interpretes, e como o terreno estava já desbravado, conseguiu immediatamente satisfazer aos desejos do rei de Portugal.

Seguia-se depois a entrega das insignias. Era assumpto novo no paiz, portanto o consul pediu ao primeiro ministro que perguntasse ao soberano, como desejava fosse cumprida essa formalidade. Depois de ouvir o soberano, respondeu-lhe o ministro, que Sua Magestade deixava isso á disposição e discricção do consul, para o regular, segundo as formulas do seu paiz, pois não podia saber o que se devia seguir em tal assumpto.

Esta resolução, sendo uma subida honra para Colaço, foi ao mesmo tempo para elle um grande embarço, porque teve que inventar um formulario.

Uma embaixada não se recebe em Marrocos, como em outro qualquer paiz da Europa, ou mesmo no Egypto, Tunes ou Tripoli.

O sultão de Marrocos conserva as tradições dos filhos do deserto. Apesar de ter duas capitães Fez e Mequinez, não está n'ellas ou n'aluma d'ellas todo o anno. Ora está seis mezes em Mequinez, ora em Fez, ora parte para o campo e vive nas suas tendas alguns mezes, como um verdadeiro beduíno. Acompanham-o n'essas excursões a sua corte e parte do seu harem. D'aqui resulta que as legações estrangeiras não estão junto ao soberano, nem na capital, que é no interior, mas sim em Tanger, d'onde vão visitar o soberano nas ocasiões necessarias.

Muley-Hamed achava-se em Mequinez, quando recebeu as insignias da ordem da Torre Espada. Segundo os habitos dos sultões de Marrocos, que acabamos de esboçar, consideram-se sempre em campanha, e assim recebem as embaixadas a cavallo, e ao ar livre.

No dia aprazado o sultão galhardamente vestido, montando um cavallo ricamente ajezado, partiu para um campo junto da cidade, onde la-

deado da sua corte, e á frente de numerosa hoste da sua cavallaria esperava o enviado portuguez.

Colaço, a quem fora enviada uma grande escolta, sahiu de Mequinez a cavallo, rodeado tambem de um pomposo cortejo, composto dos empregados do consulado e varios negociantes, que se prestaram a acompanhá-lo, para tornar mais luzido este acto.

Quando entrou no campo, e chegou a certa distancia do sultão, este avançou a passo, da mesma maneira que o fazia o consul, até se approximarem as cabeças dos cavallos.

Então apeou-se o consul, e chegou-se ao lado onde, a pé, se achava o primeiro ministro, a quem disse a que vinha; este transmittiu a communicação ao soberano, que, inclinado sobre o cavallo, cumprimentou o consul, dizendo-lhe, uma vinte, cem, mil vezes se houvesse tempo: *bem vindo, bem vindo.*

Em duas lindas caixas de mogno iam encerradas, n'uma as insignias da Grã Cruz, e n'outra a carta regia; Colaço havia comprado dois preciosos lenços de setim branco da Catalunha ricamente bordados e ornados de franja de oiro. O dia estava esplendido, o sol brilhante dardejava seus vividos raios sobre a planicie de Mequinez, fazendo relampejar os sabres dos cavalleiros e os arreios dos cavallos.

O consul tomando das mãos do seu chanceller as caixas, envolvidas nos magnificos lenços, levantou-as a altura conveniente para as entregar na mão do soberano, que se inclinou do cavallo para as receber, apertando-os ao peito n'uma effusão de contentamento e reconhecimento affectuossissimo. Os lenços brilhavam ao sol ridente, causando uma emoção de contentamento em todos que os olhavam.

Depois de ouvir as palavras de agradecimento do soberano, tornou o consul a montar a cavallo e retirou pela mesma ordem.

Quando passada a cerimonia, que uma das nossas gravuras de pag. 237 representa, Colaço passava pelas ruas de Mequinez, amigos, conhecidos e não conhecidos todos o abraçavam e felicitavam pela honra e distincção que lhe havia sido feita, e por tanto ao paiz, que representava.

E isto tem uma explicação. As embaixadas, credenciaes, com quanto sejam recebidas por esta fórma, contudo não são dadas directamente ao soberano; são entregues ao primeiro ministro e este é quem trata com os embaixadores; o soberano apenas lhes dá a boa vinda. Este porém n'esta occasião, não só ouvira o enviado e lhe respondera, sem intermedio do ministro, mas, o que é mais, recebera das proprias mãos d'aquelle para as suas, a condecoração, do que toda a gente se admirou e porque felicitava o nosso consul.

E foi n'isto em que elle fez principalmente consistir o formulario que teve que inventar, para a entrega da condecoração, a primeira que o sultão de Marrocos recebia, cabendo a Portugal essa distincção, que certa emulação causou entre os agentes estrangeiros.

Continúa.

J. B.

EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1854. Outubro 21. — Sobee á scena no theatro de D. Maria II, pela primeira vez, o drama em 3 actos, original de Francisco Gomes de Amorim *Ódio de Raça*.

Foi em beneficio do actor Tasso, e considerado peça de grande merecimento.

1720. — 22. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa *Il Triumpho delle virtu*.

Foi a primeira opera italiana que se representou nos nossos theatros. Foi cantada no paço real de D. João V.

1843. — 22. — É representada no theatro da grande opera, em Paris, a opera em 5 actos *Dom Sebastião de Portugal*, musica de Donizetti, poesia de Scribe.

Foi recebida com furore e deu repetidas enchenches, constituindo um verdadeiro successo theatral. O desempenho foi confiado á celebre Stoltz, Duprez (D. Sebastião) Barroillet, Massot e Levasseur.

Para se fazer uma pequena idéa do enthusiasmo que produziu esta peça basta dizer que as seis primeiras representações deram ao theatro francez 44:000 francos de receita liquida.

A peça tem magnificos trechos musicaes, sendo os mais notaveis a aria no 1.º acto a cavatina de D. Sebastião e dois duettos. No 5.º acto ha uma bellissima *barcarolla*. A acção começa com o embarque, em Lisboa, do rei, em caminho para a conquista da Africa. Foi esta opera representada no theatro de S. Carlos, em 1845.

1834. — 23. — Decreta-se a junção da antiga livreria do convento de Jesus á bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

1856. — 23. — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria II, o drama em 5 actos, original de Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester *Mocidade de D. João V*.

1863. — 24. — Abertura inaugural do observatorio meteorologico do Infante D. Luiz, no edificio da Escola Polytechnica.

Deve-se este observatorio á iniciativa do dr. Guilherme Pegado.

1836. — 25. — É creada a *Academia das Bellas Artes*, em Lisboa, sendo então ministro do reino Manuel da Silva Passos.

Foi successivamente organizada pelos decretos de 22 de novembro do mesmo anno, 28 de novembro e 1 de dezembro de 1842, 9 d'agosto de 1844 e pela lei de 17 de agosto de 1853.

1875. — 26. — Estreia no theatro das Variedades Dramaticas, em Lisboa, do distincto actor Furtado Coelho e sua esposa Lucinda Simões, com o drama *Dalila*, que foi magistralmente desempenhado.

1854. — 26. — Primeiro concerto dado no theatro de D. Fernando, pelo rabequista Camillo Sivori, discipulo do celebre Paganini.

1495. — 27. — Nasce em Coimbra o insigne poeta Francisco Sá de Miranda.

Foi o creador da nossa poesia. As suas comedias *Vilhalpandos e Estrangeiros* são dois modelos de graça e de estylo. Chamam-lhe o *Seneca portuguez*. Morreu em 15 de março de 1558.

O poeta Francisco Sá de Menezes, auctor do poema *Malaca Conquistada*, foi neto de Francisco Sá de Miranda.

1765. — 28. — Grandes cavalhadas dadas no Rocio, em Lisboa.

1843. — 29. — Representa-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a nova opera *Nabucodonosor*, libreto de Werner, musica de Verdi.

Foi desempenhada pelas sr.ªs Jenny Olivier, Carmini, Rossini, e Sarmatney (Nabuco), Picasso, Casanova, etc.

1847. — 29. — Debuta da prima dona absoluta Bovay, e do 1.º tenor absoluto Volpini.

1849. — 29. — É inaugurado o theatro de D. Fernando, em Lisboa, edificado no sitio onde existiu antigamente a igreja de Santa Justa.

A inauguração teve logar no dia do anniversario natalicio d'el-rei D. Fernando com o drama em 5 actos: *Adriana Lecouvreur*, desempenhando o papel de protagonista a actriz Emilia das Neves. O empresario e director foi o celebre Emilio Dour.

Os logares da platéa eram de 360 réis, de varandas a 200 réis, e o preço dos camarotes regulava de 18000 a 28400 réis.

1851. — 29. — Debuta de Carolina Sanazaro, na opera do maestro Cappola *Nina louca por amor*, melodrama semi-serio em 2 actos.

1874. — 29. — Estreia no theatro de S. Carlos da prima dona de cartelo Maria Sass.

1875. — 30. — Estreia no theatro de S. Carlos da prima dona absoluta madame Vitali, notavel talento musical, voz dulcissima, meiga, ligeira e modulada.

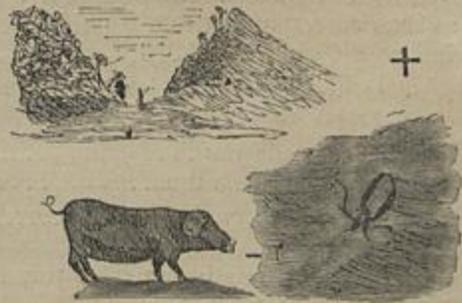
1854. — 31. — Debuta em o theatro de S. Carlos da primeira dama absoluta, madame Marietta Alboni (depois condessa de Pepoli), com a opera *Centenotola*.

Deu 34 representações, sendo a ultima da serie a opera *Semiramis*, desempenhada na noite de 22 de março de 1855.

1859. — 31. — É creada uma folha official do governo com o nome de *Diario de Lisboa*, em virtude da auctorisação da Carta de lei de 6 de junho do mesmo anno.

Esta disposição substituiu até ao decreto de 11 de dezembro de 1868, que mandou reaparecer o antigo *Diario do Governo*.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Guardado está o bocado para quem o hade comer.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Está publicado o 5.º fasciculo, terminando o assumpto começado no antecedente e entrando-se no 3.º paragrapho ou artigo, que trata dos: *regimentos dos vereadores e procuradores da cidade, e diversas disposições regulamentares que tem tido a camara de Lisboa.*

Este um assumpto interessantissimo e onde se encontram disposições curiosissimas, transcripções de alguns capitulos de cortes, como aquelle em que os cidadãos de Lisboa requereram que na camara houvesse dois escrivães, para que um ajudasse o outro e que um soubesse latim, acrescentando; e que este que hi está he já velho, e que nom lhe sabem lleer o que escrepue, e que he acupado em suas quintas e olivares & com a resposta: *Diz o sr. Iffante que abasta na camara aver hum scripuiam, e que de aver hi mais seria cousa empachossa.* Acompanha este fasciculo uma planta da sala das sessões da camara copia da que está junta a carta regia de 13 de novembro de 1773.

ALGUNS FACTOS DA VIDA D'UM LIBERAL OSCURO, episodio da emigração nos Açores, 1882, Lallemand Frères typ. Lisboa, 6, rua do Thesouro Velho. N'este opusculo, o brioso descendente de um cidadão prestante, trata de levantar do esquecimento o nome d'esse homem, que no periodo das luctas titanicas da conquista da nossa liberdade desempenhou commissões difficeis e importantes, as quaes foram de se levarem a cabo os feitos mais importantes. Este cidadão era Guilherme Quintino de Avellar, cujos serviços durante a campanha liberal dos Açores foram dos mais importantes. Foi elle quem foi explorar o mar dos Açores e as costas da Ilha de S. Miguel, para a expedição que devia partir da Terceira poder chegar alli com segurança, conseguindo obter de um barco de pescadores o pratico que devia ser o piloto da famosa expedição. Este homem, Francisco de Andrade, ao cabo de 30 annos era um velho e pobre que quasi pedia uma esmola, porque a nação não tivera uma fatia para lhe dar. «Custa, hoje, n'esta nossa fria idade de tibieza, d'egoismo e de calculos interesseiros a comprehender a tenacidade, e abnegação e o amor acrisolado com que os homens d'aquella epoca se sacrificavam ao que, para elles, era a redempção da patria,» diz o auctor, que julgamos ser o dr. José Avellar, e por isso é bom fazer lembrar as gerações novas, que nascem e morrem sem sentirem o minimo abalo, o nome d'aquelles que sacrificaram bem estar,

familia e vida para gozarem da liberdade que os de hoje nem mesmo imaginam quanto custou a plantar.

REVISTA SCIENTIFICA, redacção Ricardo Jorge, Miguel Arthur, e Candido de Pinho; Porto, Livraria universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, largo dos Loyos. Publicou-se um fasciculo contendo os n.ºs 8 e 9 do corrente anno, cor-

RELATORIO E OUTROS DOCUMENTOS relativos á commissão scientifica desempenhada em diferentes cidades da Italia, Alemanha e Franca por Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado, major de engenharia, adjunto á secção geologica em observancia do despacho de s. ex.ª o ministro das obras publicas de 10 de setembro de 1881. — Lisboa — Imprensa Nacional, 1882 — 4.º grande de 73 paginas. N'este importante trabalho des-

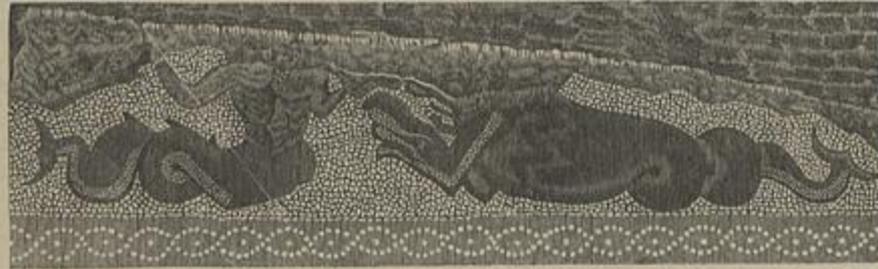
creve o sr. Delgado em resumo o que se passou no congresso de Bolonha, inaugurado n'esta cidade, a 26 de setembro de 1881, pelos esforços do professor Capellini, e onde fora enviado como delegado de Portugal. Os fins principaes do congresso eram tratar da unificação da nomenclatura geologica e da unificação das cores e signaes das cartas geologicas, objecto do maior interesse scientifico, porque da adopção de um typo uniforme e geral resulta á sciencia muita vantagem. Com quanto não se chegasse a um resultado definitivo, correram tão placidas as discussões e mostraram-se os sabios, que compunham aquella reunião, tão faças á concordia, que se pode prever que, no proximo congresso, ficará a materia completamente resolvida. Nomeou-se ainda uma commissão para tratar da carta geologica da Europa, dispondo-se os principios que a deviam dirigir. O nosso compatriota acompanhou os congressistas nas excursões a Florença e Pisa, visitando os seus principaes museus, como fizera em Bolonha. Em Florença foram fazer uma visita de respeito ao tumulo descoberto pelo professor Capellini, do celebre geologo dinamarquez, que no meio do seculo XVII, enunciara já algumas das principaes leis porque ainda hoje se rege a geologia. Visitou os museus e colleções de Munich, Vienna, Praga, Breslau, Dresde, Saalfeld, Paris, Marselha, Barcelona, etc., estabelecendo relações com os homens mais eminentes da sciencia e procurando examinar os exemplares geologicos e paleontologicos que apresentam relação de caracteres com os do nosso paiz, e ouvindo a opinião de todos elles sobre os

nossos. Em toda a parte foi acolhido e tratado como os sabios costumam fazer áquelles que estudam e trabalham. O seu relatorio é um documento interessantissimo, e é um longo estudo feito em tempo relativamente curto.

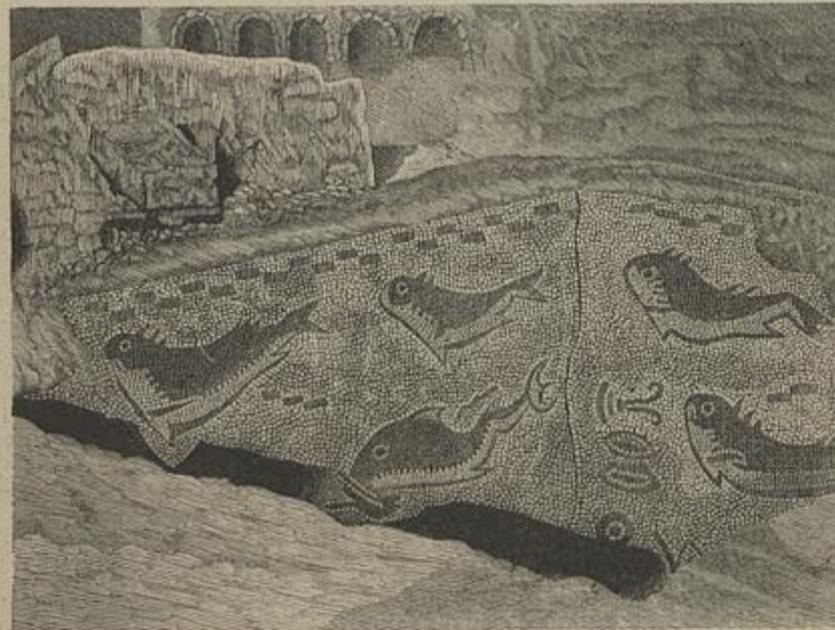
Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ANTIGUIDADES DO ALGARVE



MILREU — MONSTROS MYTHOLOGICOS FIGURADOS EM MOSAICO NO MURO DE UM EDIFICIO ANTIGO



MILREU — INTERIOR DE UMA PISCINA REVESTIDA DE MOSAICO (Segundo photographias)

respondendo a agosto e setembro. Continuam-se os artigos — *Bimetallismo* pelo sr. Rodrigues de Freitas; — *O professor Adriano de Paiva e a telescopia electrica*, por Agostinho de Souza; o *jornalismo medico em Portugal*, por Maximiano Lemos Junior; — e inserem-se outros como: *a região cerebral psychomotriz — Histologia comparada por Magalhães e Lemos; o microscopio e as suas revelações* por A. Placido e *Nova exposição das theorias chemicas* pelo dr. Bernardino Machado. São louvaveis os esforços dos seus redactores, embora possam soffrer contestação algumas opiniões emitidas em varios artigos.

AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empreza previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um 3\$000
Encadernados, cada um 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.ºs 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.